

ANDRÉ SANT'ANNA E O COSMOPOLITISMO NO MUNDO DO FUTEBOL.

Eurídice Figueiredo
Universidade Federal Fluminense/CNPq

Resumo: O artigo mostra que a oposição entre o nacionalismo e o cosmopolitismo no Brasil está chegando, no início do novo milênio, senão ao fim, pelo menos a uma nova equação, com a publicação de vários romances que se passam no exterior. Ele se detém na análise de *O paraíso é bem bacana*, de André Sant'Anna, que retrata o mundo globalizado do futebol através da história de Mané, um jogador brasileiro que se converte ao islamismo e comete um atentado suicida na Alemanha.

Nacionalismo e cosmopolitismo

A necessidade de afirmação do nacionalismo/regionalismo em oposição ao cosmopolitismo/universalismo parece ser uma constante no Brasil ao longo da história na medida em que se buscava uma autenticidade, uma originalidade brasileira que viesse preencher o vazio de uma situação deslocada, de um mal-estar do desterrado de que fala Sérgio Buarque de Holanda. Machado de Assis, ao criticar o viés excessivamente nacionalista de seus contemporâneos, no célebre artigo “Instinto de nacionalidade” (1873), citava, em sua argumentação, o exemplo de Shakespeare, que inseria as intrigas de suas peças em outros países (*Otelo*, *Hamlet*, *Romeu e Julieta*) e nem por isso deixava de ser inglês. Este conflito era próprio de uma literatura periférica pois os escritores europeus, notadamente da Inglaterra, não se colocavam tais dramas, já que, vivendo em potências coloniais, o mundo todo lhes pertencia.

Ao longo do século XX a dicotomia nacionalismo/regionalismo *versus* cosmopolitismo/universalismo perdura pois, segundo Renato Ortiz, o modernismo de 1920 aconteceu sem que a modernização que lhe daria sustentação se tornasse realidade; haveria, portanto, uma defasagem entre a expressão literária e a sociedade em que viviam os poetas modernistas e, neste sentido, o projeto deles seria mais uma projeção, uma intenção do que uma expressão do que realmente acontecia no país¹. Assim, nos anos 1930 o Brasil assiste ao apogeu do romance regionalista cuja proposta era ainda de representar uma identidade nacional.

¹ ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. S. Paulo :Brasiliense, 2003. p. 188

O cosmopolitismo parece ser uma característica das elites letradas que, desde os tempos coloniais, viajavam para o exterior e ficavam a par das novas tendências. Joaquim Nabuco, o cosmopolita *par excellence*, evoca em seu livro *Minha formação* [1900] a influência aristocrática estrangeira em sua vida : banquete real nos Grosvenor Gardens, baile dos Astors em New York, tarde de curso na Villa Borghese, dia de corridas em Ascott, jubileu da rainha em Westminster e do Papa no Vaticano².

Neste início do século XXI, porém, os conflitos entre o universalismo e o regionalismo parecem estar chegando, senão ao fim, pelo menos a uma nova equação. Como o mundo está cada vez mais interligado por meios de comunicação virtual, o que faz com que as notícias/imagens corram mundo em tempo real, e como, por outro lado, a academia também está conectada em rede com instituições dos outros países, as possibilidades de interação crescem em escala geométrica. O novo milênio assiste assim a uma floração de romances e contos brasileiros que tematizam a viagem para o exterior. Silviano Santiago (*Histórias mal contadas*), João Gilberto Noll (*Berkeley em Bellagio, Lorde*), Bernardo Carvalho (*Mon-gólia*), Chico Buarque (*Budapeste*), Fernando Bonassi (*Passaporte*) e André Sant'Anna (*O paraíso é bem bacana*), são alguns dos escritores que percorrem territórios estrangeiros e os inscrevem no corpo do espaço textual, provocando uma inovação ao mesmo tempo formal e temática, tendo em vista a força do apelo nacional(ista) na literatura brasileira.

Esta desterritorialização é talvez sintoma das profundas transformações de um mundo que tem, segundo pesquisa da ONU, 191 milhões de migrantes, sendo que o número aumentou 25% desde 1990³. Isto reflete também a mudança de paradigma tanto da literatura brasileira quanto da posição ocupada pelo Brasil e pelos brasileiros no seu estar-no-mundo. Embora em menor escala que outros países da América Latina, o Brasil, de país de imigrantes, começou a produzir emigrantes, que deixaram o país em consequência das várias crises econômicas sobretudo a partir dos anos 1980. Estima-se que haja 2 milhões de brasileiros vivendo no exterior, 800.000 só nos Estados Unidos. Três eventos no primeiro semestre de 2005 sinalizavam a dimensão do problema: a realização da Primeira Conferência Nacional sobre Imigração Brasileira nos Estados Unidos, na Universidade de Harvard, a realização da novela *América*, de Glória Perez, na TV Globo e a publicação do primeiro

² NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro :Topbooks, 2004. p. 97

³ O GLOBO. ONU: imigrantes no mundo são 191 milhões. Rio de Janeiro, 8 de junho de 2006, p. 37. Segundo a pesquisa, a Europa recebeu 34% do total de migrantes em 2005, a América do Norte, 23% e a América Latina, 3%, o que comprova ao mesmo tempo a inversão do movimento migratório e também o êxodo da população da América Latina.

romance que tematiza a imigração brasileira nos Estados Unidos, *Clandestinos na América*, de Dau Bastos. Trata-se de um *thriller* que começa como romance sentimental, em que o personagem-narrador é um professor de inglês que decide tornar-se atravessador de emigrantes ilegais (*pollos*) na fronteira México-Estados Unidos.

A desterritorialização, entendida no sentido antropológico de desvinculação de local e cultura, corresponde à movência de pessoas e coisas de um local para outro, o que implica que certos aspectos culturais tendem a transcender fronteiras especificamente territoriais pela reinserção de traços culturais em outros locais, no duplo movimento de desterritorialização e reterritorialização. Assim assiste-se ao fenômeno de um novo cosmopolitismo que atinge pessoas de todas as classes sociais, em comunicação física ou virtual, em novas modalidades de expressão, auxiliadas por tecnologias cada vez mais acessíveis. Com efeito, o cosmopolitismo das elites de outrora parece estar bem superado, como observa Alexis Nouss:

Não mais o [cosmopolitismo] dos abastados e ociosos, viajantes que retornam ao fim do périplo para seu conforto opulento, mas um cosmopolitismo nascido do comércio internacional, do desenvolvimento comunicacional e das migrações das populações. A partir daí ele perde seu valor universalizante abstrato para se expor à diversidade identitária e cultural concreta⁴.

Muitos autores têm tratado desta nova forma de cosmopolitismo. Nouss, que prefere ver nele um “cosmopolitismo ético” (como o sociólogo americano John Tomlienson), lembra que Walter Mignolo fala de “cosmopolitismo crítico”, Homi Bhabha de “cosmopolitismo vernáculo”, Anthony Appiah de “cosmopolitismo enraizado” e A. Appadurai de “cosmopolitismo alternativo”⁵. Pode-se evocar também Mary Louise Pratt, que se refere às “comunidades cosmopolitas” enquanto Silviano Santiago distingue um “cosmopolitismo do pobre”⁶. García Canclini traça também um contraste entre a leveza do cosmopolitismo dos intelectuais e políglotas ao falar de nomadismo e pluralidade de pertencas e os migrantes que têm de enfrentar a violência e procurar seus direitos criando novas formas de pertença⁷. À me-

⁴ NOUSS, Alexis. *Plaidoyer pour un monde métis*. Paris :Textuel, 2005. p. 77.

⁵ NOUSS, op. cit., p. 78.

⁶ SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte:Ed. UFMG, 2005. p. 45.

⁷ GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Tradução de Luis Sérgio Henriques. Rio de Janeiro :Editora UFRJ, 2005. p. 205.

dida em que este novo cosmopolitismo encontra-se imbricado com aspectos éticos e políticos, fala-se também de “cosmopolítica” e de “cosmopolidez” e até mesmo de “cosmopolético”. “Prefere-se invocar um ethos cosmopolítico: ethos, para insistir na responsabilidade do sujeito, e cosmopolítico, para dissipar as imagens elitistas do ‘cosmopolita’ e colocar ênfase nas exigências da convivência”⁸.⁵⁶ Em todas estas expressões, que tentam dar conta da situação dos migrantes na sociedade globalizada, pode-se depreender uma preocupação de se estabelecer um princípio ético no que concerne ao respeito da diferença assim como ao estatuto de cidadania e de inclusão social do migrante (o Outro) e de suas famílias.

Outros conceitos, que designam esta nova mobilidade, como o de diáspora, estão sendo ressignificados na contemporaneidade, pois, segundo Stuart Hall, diáspora era um conceito fechado, baseado numa concepção binária da diferença e fundada na construção de uma fronteira de exclusão, que dependia da construção de um Outro e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. Assim, para designar esta mobilidade de migrantes, oriundos dos países colonizados (notadamente das Antilhas), freqüentemente vistos como migrantes étnicos, Hall incorpora ao conceito de diáspora o de *différance* de Derrida a fim de evitar toda idéia de binarismo dicotômico e para exprimir os deslizamentos de sentidos em um largo espectro⁹.

André Sant'Anna

Silviano Santiago antecipou o movimento para fora do Brasil em *Stella Manhattan* (1985), romance que se passa em Nova Iorque em 1969, portanto durante a ditadura militar. Ele inova no panorama do romance brasileiro da época sobretudo pela mistura de dois assuntos explosivos, a política e a homossexualidade, e pela utilização de procedimentos comuns nos escritores das várias diásporas na Europa e na América do Norte tais como o exílio, a desterritorialização da língua, os conflitos identitários.

Nos anos 2000 vários escritores escreveram romances e contos que se passam no exterior mas o que distingue *O paraíso é bem bacana*, de André Sant'Anna, dos demais é que este é o único cujos personagens não pertencem às elites letradas, e neste sentido sua mobilidade aproxima-se mais destas novas formas de cosmopolitismo. O protagonista do romance é Mané, um jogador de futebol de 17 anos que, considerado o novo Pelé, é comprado pelo time Hertha Berlim. Assim, o romance se constrói em

⁸ NOUSS, op. cit., p. 78.

⁹ HALL, Stuart. Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaide La Guardia Resende et alii. Belo Horizonte:Ed. UFMG, Brasília :Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 33.

torno do eixo do futebol globalizado, em que os grandes clubes europeus compram jogadores promissores por todos os cantos do planeta.

Neste mercado que envolve milhões de dólares (ou euros), os jogadores brasileiros têm uma alta cotação, como se pode depreender do fato de a quase totalidade da seleção brasileira da Copa do Mundo 2006 ter-se constituído de atletas que vivem na Europa e de haver cinco jogadores — Zinha (México), Marcos Senna (Espanha), Deco (Portugal), Alex dos Santos (Japão) e Francileudo (Tunísia) — e quatro técnicos — Zico (Japão), Luis Felipe Scolari (Portugal), Marcos Paquetá (Arábia Saudita) e Alexandre Guimarães (Costa Rica) — defendendo seleções de outros países. Na Copa de 2006 houve 64 jogadores que não nasceram nos países que defenderam, ou seja, um total de 8,69% dos atletas convocados. Apenas 9 das 32 seleções não contrataram atletas de outros países¹⁰. Quanto aos jogadores brasileiros da seleção, 3 atuavam em times do país enquanto os demais viviam em países europeus (Itália, Espanha, Alemanha, Inglaterra, França e Portugal). O caso da França é bem revelador da atual situação das diásporas pois já se evocou sua seleção como sendo constituída de “Black, Blanc, Beur”, paródia das cores da bandeira francesa, em que o azul é substituído pelo negro de seus jogadores e o vermelho é substituído pela palavra “Beur”, que designa os filhos dos magrebinos nascidos na França (é o caso da estrela do time, Zinedine Zidane, de origem argelina). Assim, além dos naturalizados, há os filhos dos imigrantes já nascidos na Europa ou ainda os oriundos de seus Departamentos de Ultra Mar.

O romance de Sant’Anna descreve este mundo multicultural do futebol alemão em que há brasileiros, africanos, filhos de imigrantes turcos, além de europeus de países menos ricos. Ao contrário dos outros jogadores, que tentam se adaptar ao novo país e aprender a sua língua, o protagonista, Mané, sem capacidade de se comunicar porque não consegue aprender o alemão, fica isolado, o que vai exacerbar os seus problemas emocionais. Obcecado sexual completamente bloqueado diante das mulheres, ele se converte ao islamismo e comete um atentado suicida, no qual ele é a única vítima, a fim de poder possuir as 72 virgens prometidas aos mártires de Alá. Apesar de a comunidade muçulmana ser descrita de maneira respeitosa, o romance apresenta uma paródia dos atentados suicidas cometidos pelos fundamentalistas islâmicos através do gesto incompreensível e inexplicável deste brasileiro “convertido”, que nada entende

¹⁰ FRANCO, Bernardo Mello. Legião estrangeira tem 64 jogadores no Mundial. Copa 2006, O Globo, Rio de Janeiro, 20 de junho de 2006, p. 8.

do Corão, e que seria incapaz de providenciar os elementos necessários para cometer o “atentado”, não fosse um outro terrorista, Mubarak, lhe ter fornecido um cinturão com as bombas antes de cometer o seu próprio atentado em outro local. Ambos estão juntos no mesmo quarto do hospital ao longo de todo o romance.

Gravemente ferido, com parte do corpo despedaçado, Mané recebe remédios/drogas no hospital, que o mantém inconsciente mas mentalmente ativo, o que lhe permite realizar todos os sonhos eróticos com suas esposas, todas loiras, rosas, dedicadas a lhe proporcionar prazer sem fim. Esta narrativa é a realização, em forma de simulacro, de todos os sonhos eróticos do personagem, que se formaram durante sua curta vida mas já mediados por outros simulacros, as revistas e os filmes pornô. As mulheres reais, que ele tinha visto mas jamais possuído, e as que ele havia admirado e desejado em revistas, têm a mesma função em seus sonhos de mártir de Alá. Como observa Ângela Dias a propósito do romance anterior do autor, *Sexo*, o traço preponderante da “pornografia terrorista” do autor talvez seja “a encenação formal da imanência do desejo literalmente mediada pelos fantasmas do mercado virtual das imagens”¹¹. No mundo contemporâneo, segundo Ricardo Piglia, com a prevalência da cultura de massa, verdadeira “máquina de produzir lembranças falsas e experiências impessoais, todos sentem a mesma coisa e recordam a mesma coisa, e o que sentem e recordam não é o que viveram”¹². Cito o início da primeira vez que o relato aparece no romance:

É setenta e duas. E elas vêm vindo, tudo limpinhas, muito bonitas, e elas têm tanto amor ni mim e gosta tanto de mim e me ama tanto e agora é tão bom que eu to sentindo tudo tão bem, tudo tão cheirosas, e ela vai ficando tudo pelada, bem devagarinho. Bem assim que nem filme que passa na televisão sábado de noite, com aqueles biquíni tudo meio cor-de-rosa e com aqueles negócio peludo e cor-de-rosa e vão tirando as parte de cima de fica com os peito, uns peitão todo cor-de-rosa e cheio assim que parece que vai estourar e tem aqueles véu que nem naquela novela que tinha os Marrocos que é de onde vem o Abud¹³.

¹¹ DIAS, Ângela Maria. Violência e miséria simbólica na cidade de André Sant'Anna. Estudos históricos. n. 28. Rio de Janeiro, 2001. p. 3. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/310.pdf>

¹² PIGLIA, Ricardo. Formas breves. Tradução de José Carlos Mariani de Macedo. S. Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 45.

¹³ SANT'ANNA, André. O paraíso é bem bacana. S. Paulo :Companhia das Letras, 2006. p. 9.

Mas não.

Eles eram todos uns filhos-da-puta e queriam ver um filho-da-puta batendo no outro.

O Mané ainda não sabia que eram todos uns filhos-da-puta.

O Mané não tinha motivo para bater no gordinho filho-da-puta.

O Mané não sabia que o gordinho filho-da-puta tinha motivo para bater nele, no Mané.

O Mané queria ser amigo daqueles filhos-da-puta.

Mas não.

Aqueles filhos-da-puta sempre batiam no gordinho filho-da-puta e o gordinho filho-da-puta precisava dar umas porradas num filho-da-puta qualquer.

O Mané ainda não sabia que o filho-da-puta era ele, o Mané¹⁶.

Este romance polifônico se constrói na forma de montagem de várias narrativas de outros personagens que contam a história do protagonista Mané, desde sua infância em Ubatuba, passando pelos tempos em que joga no Santos, e finalmente sua ida para a Alemanha, onde vai-se tornar Muhammad Mané. Em todo este percurso revela-se o perfil de uma criança reduzida ao silêncio, oprimida pela crueldade de outras crianças, massacrada pela violência de adultos, enfim, por uma sociedade desigual, que o exclui porque é pobre e negro e que tentará incluí-lo enquanto ator do mundo do espetáculo. Apesar de seu talento como jogador de futebol, Mané transforma-se em um mané, um bobo, um retardado mental ou um autista, já que ele é incapaz de toda e qualquer expressão de sua vontade e, por conseguinte, de toda comunicação com os outros. No nome do personagem há sem dúvida uma evocação de Mané Garrincha, gênio do futebol, que foi muitas vezes ridicularizado por sua falta de cultura. Na construção do romance, porém, deve-se observar o paradoxo tanto da incapacidade de comunicação quanto da obsessão sexual do personagem, além da dificuldade que pode representar a vida em um mundo globalizado e cosmopolita para alguém tão desprovido de meios de compreendê-lo.

Na Alemanha, Mané só entende uma pessoa, Uéverson, um outro jogador de futebol que tenta empurrá-lo entre as pernas de qualquer loira, numa atitude compulsiva, característica dos jovens que praticam sexo de maneira incontrolável, e que seria, segundo o autor, a marca de nossa sociedade¹⁷. O romance, ao retratar situações paradoxais do mundo glo-

¹⁶ Sant'Anna, op. cit., p. 7.

¹⁷ CONDE, Miguel. Paraíso da felicidade banal. Prosa e Verso. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 04 de março de 2006. p. 1-2.

balizado do futebol, aponta para a “fragilização das personalidades”, na expressão do filósofo francês Gilles Lipovetsky, segundo o qual estaríamos vivendo na hipermodernidade, uma sociedade que se constrói sob o signo do excesso, pela cultura da urgência e da hiperfuncionalidade e que se caracteriza pelo hiperconsumo. O sexo assim consumido, seja na vida real ou no espaço virtual, se caracteriza pelo prazer consumista, no qual estão ausentes a emoção e o afeto.

Uéverson, negro como Mané, mais velho do que ele, corresponde ao modelo de jogador que ganha dinheiro e quer aproveitar, divertindo-se muito, fazendo piadas o tempo todo, se virando em várias línguas. Uéverson e seu amigo africano Mnango podem possuir todas as loiras, repetindo assim os clichês sobre a relação explosiva do negro com a loira, e que evoca o fetichismo do consumo sexual do escritor quebequense de origem haitiana Dany Laferrière em *Comment faire l'amour avec un nègre sans se fatiguer*. Tomé, um músico brasileiro, branco, mais culto, drogado, que está no hospital para se desintoxicar, para ser em seguida deportado, aceita a proposta da polícia para ser o intérprete dos delírios verbais de Muhammad Mané em troca de um visto de permanência na Alemanha.

Futebol e música, eis as profissões em alta para os jovens brasileiros no mercado europeu do trabalho e do sexo. Os personagens europeus que participam da intriga reafirmam os clichês sobre os negros e sobre os brasileiros: a alegria, a mistura de raças, a música, o futebol, o erotismo. “Há este mito sobre a alegria dos brasileiros, a música, a mistura de raças. E Muhammad Mané, para nós, representava isso. Queríamos ser amigos dele de qualquer maneira. Queríamos que ele nos falasse sobre o Brasil”¹⁸.

Conclusão

Em entrevista publicada na *Folha de S. Paulo*, Lipovetsky afirma que a sociedade hipermoderna é uma

sociedade esquizofrênica em que convivem, de um lado, uma sociedade hiperfuncional, funcionalidade da técnica, da ciência, que trabalha cada vez mais critérios mensuráveis, de eficácia e operacionalidade. Paralelamente, assiste-se à ascensão de comportamentos disfuncionais e os dois existem juntos (...) Logo, tem-se de um lado uma sociedade em que cada vez mais impera a ordem e, de outro, a desordem; no fundo, um quadro de patologia e de caos¹⁹.

¹⁸ Sant'Anna, op. cit., p. 283.

¹⁹ LIPOVETSKY, Gilles. Entrevista. Caderno Mais! Folha de S. Paulo. 14 de março de 2004.

O paradoxo da sociedade hipermoderna, dividida entre a apologia do excesso e o elogio da moderação, provoca a desestabilização emocional do indivíduo. Diante da desestruturação das formas de controle social, o sujeito encontra-se totalmente livre para decidir e fazer escolhas num leque de opções plural. “Deixado a si mesmo, desinserido, o indivíduo se vê privado dos esquemas sociais estruturantes que o dotavam de forças interiores que lhe possibilitavam fazer frente às desventuras da existência”²⁰ O sujeito, excessivamente livre e sem regras, encontra-se atormentado pelas aporias do mundo em convulsão, pelo descentramento advindo dos deslocamentos e dos confrontos entre sonhos e aspirações e as duras imposições da realidade.

O escritor brasileiro já não tem a pretensão de representar o nacional, pode-se perder nos territórios estrangeiros para dar conta de um novo mundo que se afigura a todos os que estão inseridos nesta globalização sem limites. O narrador auto-reflexivo dá conta desta crise do sujeito, colocando em xeque categorias que pareciam estáveis, em novos paradoxos que exprimem um estar-no-mundo desestabilizado em narrativas que se constroem de maneira fragmentária, com estilhaços de sentidos, que o leitor deve pacientemente montar.

Referências

- ASSIS, Machado de. Instinto de nacionalidade. In: *Obra completa*. Vol. 3. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1973.
- BASTOS, Dau. *Clandestinos na América. O romance dos imigrantes brasileiros na busca do sonho americano*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.
- BENTANCUR, Paulo. Belo romance de um herói brasileiro. *Cultura*. O Estado de S. Paulo. S. Paulo. 23 de abril de 2006. p. D4.
- BONASSI, Fernando. *Passaporte*. S. Paulo: Cosac&Naify, 2001.
- BUARQUE, Chico. *Budapeste*. S. Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CARVALHO, Bernardo. *Mongólia*. S. Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MAMMÌ, Lorenzo. *Entrevista a Noemi Jaffe e Rafael Cariello*. Ilustrada.

²⁰ LIPOVETSKY, Gilles. Tempo contra tempo, ou a sociedade hipermoderna. In: LIPOVETSKY, Gilles, CHARLES, Sébastien.. *Os tempos hipermodernos*. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004. p. 84.

Folha de S. Paulo. S. Paulo, 18 de junho de 2006, p. E3.

NOLL, João Gilberto. Berkeley em Bellagio. S. Paulo:Francis, 2003.

_____. Lorde. S. Paulo:Francis, 2005.

PRATT, Mary Louise. Os olhos do império. Relatos de viagem e transculturação. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru (SP) : EDUSC, 1999.

SANTIAGO, Silviano. Stella Manhattan. Rio de Janeiro:Rocco, 1985.

SANTIAGO, Silviano. Histórias mal contadas. Rio de Janeiro:Rocco, 2005.